

TEMPO VERBAL NOS LIVROS DIDÁTICOS: POR ANÁLISE REFLEXIVA À LUZ DOS PRINCÍPIOS ENUNCIATIVOS DA TEORIA DAS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS DE A. CULIOLI

Deislandia Sousa SILVA¹
Andressa Maria Abreu PEREIRA²

Resumo: Durante muitas décadas tem-se observado que há na língua portuguesa certa primazia em estudar a categoria tempo verbal a partir de quadros sinóticos de conjugações verbais cujo simples acréscimo de morfemas ao radical do verbo torna-se suficiente para representar a noção de presente, passado ou futuro. Trabalhar essa categoria, sob essa perspectiva estática da língua, consiste em considerá-la um elemento pré-determinado do sistema linguístico e não dá conta das reais particularidades inerentes ao tempo verbal, as quais só são de fato observáveis nas situações efetivas de uso da língua. Considerando esses aspectos, bem como as atuais concepções de estudos gramaticais da língua portuguesa, propomos refletir e investigar a abordagem do tempo verbal explorada pelos livros didáticos de Ensino Fundamental. Para tanto, baseamo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli, por esta expor que o agenciamento de formas gramaticais ocorre nas construções de significações, ou seja, nos textos, nos enunciados e assumem valores no processo de construção referencial. O *corpus* desta pesquisa é composto por quatro coleções de livros didáticos de língua portuguesa representativas dos 6º e 7º anos, adotadas pela rede pública de ensino de Teresina-PI e pertencentes ao último triênio do PNL D. Os dados foram analisados sob uma perspectiva descritivo-interpretativa, haja vista que o intuito não é quantificar as ocorrências com as marcas de tempos verbais, mas sim ir em busca dos “observáveis” nos enunciados, ou seja, compreender como se dá a construção de sentido dessas marcas em situações concretas de uso. Como resultados verificou-se que não há uma exploração da categoria tempo verbal enquanto suporte para a construção e reconstrução de significações. O que se vê é a permanência da preocupação com identificações, classificações de formas e com a explicação metalinguística, pontos constantes de discussões no pensar e repensar o ensino de aspectos gramaticais.

Palavras-chave: TOE; Livro didático; Tempo verbal; Ensino de língua materna.

Abstract: For many decades it has been observed that in the Portuguese language there is a primacy in studying the category of verb tense from synoptic table of verbal conjugations, whose simple addition of morphemes to a verb root becomes sufficient to represent the notion of present, past or future. To work this category under a language’s static perspective consists in considering it a pre-determined element of the linguistic system and does not account for the real peculiarities inherent to the verbal tense, which are only really observable in the actual situations of language use. Considering these aspects as well as the current conceptions of grammar studies on the Portuguese language, we propose to reflect and to investigate the approach of verbal tense explored by the text books of Elementary School. In order to do so, we are based on Antoine Culioli’s Theory of Predictive and Enunciative Operations, which explains that the agency of grammatical forms occurs in the constructions of significance, that is, in the texts, in statements and assume values in the referential construction process. For the formation of the corpus we chose four collections of Portuguese-language textbooks corresponding to the 6th and 7th grades. The data were analyzed from a descriptive-interpretive approach since the intention is not to quantify the occurrences with the marks of verbal tenses, but rather to look for the “observables” in the statements, that is, to understand how the sense

¹ Estudante do Mestrado em linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Email: deislandia01@hotmail.com

² Estudante do Mestrado em linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Email: andressa_maria_12@hotmail.com

construction of these marks occurs in concrete situations of use. What it has been seen is the permanence of the concern with identifications, classifications of forms and with the metalinguistic explanation, as well as constant points of discussions in the thinking and rethinking the teaching of grammatical aspects.

Keywords: TOE; Textbook; Verbal tense; Teaching.

Introdução

O ensino de língua portuguesa, no cenário brasileiro, tem sido constantemente centro de discussões, principalmente, no que diz respeito à necessidade de melhor organizar a forma como se abordam os conteúdos gramaticais no contexto escolar. Por um longo período, o estudo de categorias gramaticais esteve voltado eminentemente para a identificação de conceitos, classificações e prescrições. Entretanto, esse modo de trabalhar os fenômenos da língua mostrou ser bastante problemático, uma vez que não produz resultados satisfatórios em relação ao desenvolvimento da competência discursiva do aluno, além de não proporcionar condições para se refletir sobre o uso da língua.

Sendo assim, tem-se observado um esforço dos documentos oficiais de ensino, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e o Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD), em considerar estratégias cuja essência consista em realizar os estudos dos conteúdos gramaticais considerando as situações concretas de uso da língua. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por exemplo, orientam, entre outros aspectos, que o ensino de gramática não deve ocorrer de forma desarticulada das práticas discursivas, ou seja, não se deve mais persistir em uma prática de ensino que vai da metalíngua para a língua.

Nesse contexto, tanto a escola quanto os livros didáticos de língua portuguesa cujas propostas pedagógicas são orientadas por esses parâmetros curriculares possuem papéis fundamentais para o ensino/aprendizagem das múltiplas variedades que a língua apresenta, por isso, não devem priorizar as imposições da organização clássica da gramática tradicional, uma vez que esta muitas vezes trabalha as categorias linguísticas como etiquetas classificatórias em que as unidades seriam um exemplar entre as demais.

Tendo em vista essas atuais concepções de estudo, este trabalho apresenta uma análise do estudo do tempo verbal em livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental II, inserida no quadro teórico da Teoria das Operações Enunciativas (doravante TOE), com vista a investigar como essa categoria, diante das atuais conjecturas de ensino da língua portuguesa, vem sendo trabalhada por esses materiais didáticos, bem como descrever, à luz da TOE, os valores subjacentes ao uso das marcas verbais do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito nos enunciados de algumas atividades dos livros didáticos.

Essa teoria reformula o objeto de estudo da Linguística ao propor um duplo objeto de estudo: a linguagem vista como uma atividade simbólica relacionada à capacidade que o homem tem de produzir e reconhecer formas consideradas como traços de operações de representação, referenciação e regulação, por isso, não deve ser considerada uma atividade meramente informativa; e a língua entendida como sendo um sistema simbólico de representações de significados construídos em forma de textos

pelos sujeitos. É nessa inter-relação – linguagem e língua – que se desenvolve a construção teórica culioliana.

O trabalho desenvolvido por Antoine Culioli, responsável por lançar os fundamentos da TOE, não está relacionado a uma teoria de sujeitos enunciadoreis à medida que se ocupa das operações que subjaz a constituição do enunciado. Este, de acordo com Franckel e Paillard (1998), não é considerado como resultado de um ato individual de linguagem produzido num aqui e agora por um enunciador, mas sim como o resultado de um encadeamento de operações que podem ser analisadas no quadro de um sistema de representação formalizável.

Nessa perspectiva, a linguagem é uma atividade de construção que se realiza com base em operações, as quais resultam na produção de enunciados cujos valores são construídos e não dados, por isso, a realidade não se encontra pré-fabricada, mas construída por meio da língua, encontrando nesta, ou em suas formas, as marcas das operações constitutivas de significação.

O ato de construir enunciados na TOE é ancorado em uma situação de enunciação (SIT³) que é composta por sujeitos enunciadoreis (sujeito enunciador – responsável por produzir o enunciado por meio do agenciamento de marcas e coenunciador – aquele que, com base nas marcas produzidas pelo sujeito enunciador, reconstrói a sua significação) e das coordenadas de tempo e espaço as quais são definidas pelo sujeito enunciador na situação de enunciação.

Para o modelo teórico de Culioli, a constituição de um enunciado envolve três momentos básicos representativos pelas relações primitiva, predicativa e enunciativa. A relação primitiva compreende um conjunto de três noções lexicais inter-relacionadas subjacentes a todo ato de linguagem. A relação predicativa tem por característica a existência de certa organização dos elementos da *lexis*, uma vez que já é possível vislumbrar os seus lugares, ou seja, os polos de orientação dos elementos da enunciação, porém não há, ainda, uma correspondência entre essa organização da *lexis* e a do enunciado o que irá acontecer somente na relação enunciativa. Nesta relação, o enunciador faz as determinações complementares à *lexis* por meio de operações de determinação (quantificação e qualificação) e da aplicação das categorias de tempo, pessoa, aspecto e modalidade que se encontram representadas no enunciado por meio de marcas linguísticas.

Dessa forma, no processo de construção de um enunciado, tem-se tanto um encadeamento de operações abstratas, como as marcas das operações responsáveis pelas construções de valores. Dentre essas marcas, encontram-se as de tempo verbal, objeto de análise desta pesquisa, interessando-nos discutir e refletir acerca de sua abordagem nos livros didáticos bem como dos valores temporais construídos tendo em vista a sua presença no corpus examinado. Partindo, então, do princípio de que as políticas educacionais de ensino, dentre elas os PCN (1998), orientam que o estudo dos conteúdos gramaticais deve ocorrer de forma contextualizada, o que significa analisá-los considerando o trabalho com o texto inserido em uma situação concreta e única e

³ Em torno dessa situação de enunciação temos os seguintes parâmetros enunciativos metalinguísticos:

Sit₀: situação de enunciação composta por um sujeito enunciador origem (S₀) e um tempo de enunciação origem (T₀);

Sit₁: situação de enunciação relatada que compreende um sujeito enunciador relatado ou locutor (S₁); e o tempo da locução (T₁);

Sit₂ (S₂, T₂) coordenadas da relação predicativa ou acontecimento linguístico construído;

Sit₃ (S₂, S₃) coordenadas do ponto de referência intermediário entre Sit₂ e Sit₁, a partir do qual se constrói o ponto de vista do acontecimento.

que no quadro teórico em que essa pesquisa se insere o tempo remete para situações de *repérage* em relação ao tempo da enunciação, buscamos investigar que abordagem teórico-metodológica os livros didáticos apresentam para o estudo da categoria tempo verbal, bem como descrever com base em alguns princípios teóricos da TOE, os valores temporais decorrentes do uso dessa marca verbal nos enunciados das atividades que versam sobre a referida categoria presentes nos livros didáticos analisados.

Essa proposta de reflexão é justificada pelo fato de acreditarmos que o estudo do tempo verbal, pautado apenas em quadros sinóticos de conjugações verbais, tem sido bastante problemático, uma vez que atualmente é cada vez mais comum se recorrer ao texto para se estudar aspectos relativos da língua. Desse modo, frequentemente professores e alunos se deparam com alguns fenômenos que essa abordagem de memorização de desinências verbais não dá conta. Por isso, faz-se necessário levar o aluno à reflexão de que as marcas linguísticas em articulação com o texto são responsáveis pela construção de significação do texto, mas isso só será possível mediante um estudo que considere o funcionamento da língua na sua realidade cotidiana manifestada na diversidade dos textos.

Neste estudo, adotamos uma postura que parte do princípio de que o agenciamento das marcas linguísticas ocorre nas construções de significações, portanto, apresentam valores no processo de construção referencial. Assim, o trabalho com os tempos verbais não deve limitar-se a classificar um tempo gramatical em x, y ou z, mas sim perceber os valores aspecto-temporais que essas marcas assumem nos enunciados.

Tempo linguístico: algumas considerações

Na língua portuguesa, assim como em outras línguas, embora se reconheça que outras marcas linguísticas podem representar noções temporais, são as marcas verbais que tradicionalmente apresentam como uma de suas funções as indicações de tempo, principalmente, por meio dos tempos gramaticais. Esses tempos, de acordo com Perini (2009), apesar de virem associados a um tempo semântico que remete à noção de presente, passado ou futuro, nem sempre, apresentam uma correspondência entre o tempo gramatical e semântico para expressar o conteúdo do tempo dos acontecimentos. Por exemplo,

(01) Quando ele chegar, **falo** com ele.

(02) A água **ferve** a 100 graus

Em (01) a forma verbal de presente do indicativo não remete para a noção de presente, uma vez que o momento da realização da ação não coincide com o momento da enunciação, o que se percebe, neste exemplo, é uma indicação da noção de futuro. Em (02), o fato mencionado pode ser apreendido como independente do tempo, uma vez que não se trata nem de presente, nem de passado ou futuro, mas de uma afirmação que prevalece em qualquer tempo. Portanto, temos uma marca de tempo gramatical não coincidindo com o tempo semântico.

Esse posicionamento também é assumido por Ilari (2001), o qual expõe que na língua portuguesa não existe uma relação biunívoca entre o que o autor denomina de recursos expressivos e conteúdos expressos. Vejamos:

- (03) Neste momento **falo** ao telefone
 (04) Melissa **faz** anos no mês que vem
 (05) Em 1834, Dom Pedro completa 15 anos e **torna-se** elegível para o trono imperial

Nessas construções, o que se observa é que as marcas verbais de presente não se encontram engendradas em um único valor, uma vez que em (03) a marca de presente do indicativo remete para a noção de presente, mas isto não é perceptível nos enunciados (04) e (05), os quais apontam para noções de futuro (caso de (04)) e passado em (05).

No quadro teórico culioliano, o tempo verbal se dá em relação a T_0 (localizador origem) o qual é tomado como referente para se construir outros localizadores que tornam possível dar conta da complexidade que envolve o tempo linguístico. Nesse localizador origem está presente uma operação de translação, a qual é responsável por se construir um localizador translato que reescreverá T_0 . Por meio de uma operação de ruptura, segundo Culioli (1999), constrói-se o localizador fictício T_0^1 , a partir do qual se constroem localizações também fictícias em que as ocorrências serão construídas como válidas ou não. Vejamos o enunciado a seguir:

- (06) (eu digo) está a trovejar

$$T_1(=^4 T_0) = T_2$$

Neste enunciado, podemos observar que T_2 encontra-se localizado em relação a T_1 , e este localizado em razão de T_0 , portanto, ocorre uma coincidência entre o tempo da enunciação (T_0), tempo da locução (T_1) e tempo do acontecimento linguístico (T_2).

O intervalo que se construiu no enunciado (06) é resultado da intersecção de dois intervalos que são semiabertos, dessa forma, não há neste intervalo a definição de um último ponto. Assim, pode-se dizer que *está a trovejar* representa o que se denomina de presente nocional.

Agora ao construirmos um enunciado em que: (eu digo) trovejou muito, temos T_0 localizando T_1 que, por sua vez, localiza T_2 . Dessa forma, a operação de localização decorrente desse enunciado apresenta os seguintes valores: $T_0=T_1$ e $T_1 \neq T_2$, sendo este anterior a T_1 .

Se tomarmos como exemplo o seguinte enunciado:

- (07) (eu digo) quando Maria saiu, trovejava em Teresina.

Percebe-se, neste caso, que T_0 e T_1 são coincidentes e que T_1 localiza T_3 , o qual localiza T_2 , portanto, a operação de localização do enunciado (07) assume valores em que: $T_1=T_0$, $T_3 \omega T_1$ e $T_2=T_3$.

Segundo Campos (1997), existem determinados tempos verbais que por si só não apresentam a construção da relação de localização, por isso, necessitam de um elemento linguístico localizador que é construído no enunciado para que o sujeito enunciador possa construir uma referência temporal, é o caso, muitas vezes das construções com o pretérito mais-que-perfeito composto ou, ainda do futuro do presente composto. Vejamos:

⁴ Os símbolos =, \neq , ω significam respectivamente identificação, diferenciação e ruptura em relação à localização temporal.

- (08) Maria tinha tocado no evento quando chegastes.
 (09) Às 22 horas, Maria terá tocado no evento.

Caso as construções (08) e (09) fossem construídas sem os localizadores *quando chegastes e às 22 horas* e não estivessem em um contexto próximo, suas especificações de localização de que necessitam não seriam aceitáveis em português.

O valor temporal de uma situação só pode ser estabelecido com base na integração progressiva de todos os elementos que constitui o enunciado. Dessa forma, um estudo da temporalidade verbal em situação de uso efetivos da língua não pode desconsiderar os outros elementos linguísticos que constituem o enunciado, conforme veremos no decorrer das análises.

Metodologia

Antes de adentrarmos as análises faz-se necessário discorrer um pouco acerca da metodologia que tomamos como parâmetro para se analisar o tempo verbal nos livros didáticos examinados.

No construto teórico culioliano, o enunciado é a unidade a ser observada, sendo assim, o linguista que opta por fazer uma análise considerando as premissas da TOE, deve trabalhar tanto com as marcas linguísticas que subjazem ao enunciado, como também buscar as operações que propiciaram a construção deste enunciado, pois é a partir das marcas materializadas nos enunciados que se busca descrever e explicar a atividade de linguagem.

Dessa forma, para que a linguagem seja apreendida através das diversidades das línguas, faz-se necessário, de acordo com Culioli (1990), construir a partir de observações sistemáticas e minuciosas um sistema metalinguístico de representações que permita problematizar e propor soluções razoáveis para tal problematização.

Sendo assim, para se estabelecer a articulação entre língua e linguagem, deve-se primeiro partir do nível linguístico com vista a buscar as operações que antecederam a materialização dos enunciados, para depois, com base na criação de paráfrases, desmontar a interpretação desses enunciados reconstruindo tais operações. Esse percurso metodológico nos mostra que a TOE tem uma preocupação muito mais com o caminho “linguagístico” percorrido pelo enunciador para formar enunciados do que com os resultados que se alcança.

Com base nessa proposta metodológica, partiremos das marcas de tempo verbal no português para, a partir delas, procurarmos desvendar as operações que são desencadeadas quando essa categoria faz parte da construção dos enunciados. Para isto, realizamos os seguintes passos metodológicos:

Primeiramente procedeu-se com a escolha das coleções de livros didáticos que integram o *corpus* desta pesquisa. Desse modo, foram escolhidas quatro coleções de livros didáticos representativos do Ensino Fundamental II, especificamente das séries de 6º e 7º ano, as quais receberam um código em conformidade com a ordem alfabética de suas nomeações e numerações correspondente à série, a saber: *A aventura da linguagem (LD1/6; LD1/7)* *Para viver juntos (LD2/6; LD2/7)*, *Português/linguagem (LD3/6; LD3/7)* *Tecendo linguagens (LD4/6; LD4/7)*. Como critério dessa escolha, apenas aquelas que foram aprovadas nos dois últimos triênios pelo PNL D e pertencentes à rede pública de ensino.

Delimitado o *corpus* e considerando o trabalho com o tempo verbal, procedemos com a investigação das unidades e/ou capítulos que versavam sobre o estudo do verbo. Como as unidades e/ou capítulos dos livros didáticos encontram-se, em geral, divididos por seções em que cada uma aborda um dado aspecto da língua, nos debruçamos, especificamente, sobre as seções que trazem a exposição acerca do conteúdo tempo verbal.

Nesse processo, percebemos que os livros didáticos trabalham esse conteúdo gramatical em conformidade com os modos do verbo, por isso optamos por nos limitarmos apenas aos tempos verbais relativos ao modo indicativo. Isso porque percebemos em uma investigação prévia ser esse o modo mais trabalhado no 6º e 7º ano e porque fazer um estudo desse aspecto gramatical considerando todos os modos verbais poderia ser improdutivo, tendo em vista que nosso trabalho é de cunho qualitativo e não quantitativo.

Feito isto, prosseguimos recorrendo às explicações bem como as atividades relacionadas ao tempo verbal a fim de verificarmos a abordagem dessa categoria nos livros didáticos, considerando, sobretudo, o que é proposto pelos PCN.

Por fim, escolhemos algumas atividades que abordassem o estudo das marcas presente, pretérito perfeito e imperfeito do indicativo para expormos e refletirmos acerca dos valores subjacentes ao uso dessas marcas nos enunciados das atividades escolhidas.

Análises

Neste item, exploramos a abordagem teórico-metodológica adotada pelos livros didáticos analisados para o ensino da categoria tempo verbal e o processo de construção de valores aspecto-temporais nas formas do presente e do passado (pretérito perfeito), tendo em vista os princípios semânticos-enunciativos da TOE.

Situando a proposta teórico-metodológica apresentada pelos livros didáticos para a abordagem do ensino do tempo verbal

A intensificação das críticas à abordagem de ensino proposto pelas gramáticas normativas, acompanhada de um crescimento exponencial de pesquisas que atestam a pouca eficácia da proposta metodológica desses manuais quanto ao estudo dos fenômenos linguísticos, suscitou o anseio por modificações urgentes no ensino de língua portuguesa. Diante desses anseios, começa a haver uma articulação daqueles responsáveis pelo estabelecimento de políticas educacionais com o objetivo de gerar mudanças no ensino de língua portuguesa. É nesse contexto que, em meados de 1996, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) com diretrizes que visam promover uma reestruturação dos currículos nacionais.

No tocante ao ensino dos fenômenos linguísticos, esses parâmetros destacam que seu estudo não deve mais reproduzir a clássica metodologia de definições, classificações e prescrições. Deve-se proceder agora com um ensino cuja prática deva ter como eixo basilar a reflexão sobre o uso da língua. Nessa perspectiva, tanto o professor como o livro didático, por estarem diretamente relacionados ao processo de ensino/aprendizagem devem organizar suas práticas considerando concepções teórico-metodológicas que conduza o aluno para uma prática reflexiva no ensino de conteúdos gramaticais.

O livro didático, por ser um dos principais instrumentos de mediação entre os aspectos de conhecimentos sobre a linguagem e a língua e entre professores e alunos, é

constantemente tomado como objeto de discussão. Uma das discussões mais latentes diz respeito à maneira como esse material didático, diante das atuais conjecturas de ensino de língua portuguesa, trabalha as categorias linguísticas, pois para muitos ele é uma extensão dos pressupostos teórico-metodológicos da gramática normativa.

Neves (2003), por exemplo, expõe que os livros didáticos, embora apresentem uma variedade de atividades que poderiam conduzir o aluno a uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem, limitam-se, em geral, a tratar de temas que são claramente “lições de gramáticas” à medida que apenas solicita ao aluno que identifique um substantivo, pronomes, preposições ou sujeitos e predicados.

Assim, ao analisarmos as coleções, observamos que, em geral, os livros didáticos ao abordarem o estudo do tempo verbal apresentam primeiro uma atividade de leitura cujo objetivo consiste em instigar o aluno a observar, levantar hipóteses, construir conceitos, perceber, sem que seja feito qualquer tipo de explicação prévia, algumas das particularidades inerentes ao conteúdo gramatical trabalhado na seção. O recorte a seguir exemplifica essa observação:

Exemplo (01)

A língua em foco

O VERBO (II)

Os tempos verbais

Leia esta piada:

Chovia há três dias sem parar e o campo de futebol estava completamente inundado. **Era** domingo e sem futebol o pessoal da cidade ia ficar sem distração. **Al** o juiz resolveu fazer o jogo de qualquer jeito. O capitão de uma das equipes não concordou: — Com tudo alagado não vai dar. — Vai dar sim — disse o juiz —, **pode** escolher o campo. **E** o capitão: — Então tá. Meu time joga o primeiro tempo a favor da correnteza.

(Ziraldo. *As aneddotinhas do Bichinho da Moça*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988. p. 26.)

1. Observe as frases:

Chovia há três dias sem parar...
O capitão de uma das equipes não concordou.

a) Qual das formas verbais destacadas nas frases transmite a ideia de uma ação completamente concluída?

b) Qual delas transmite a ideia de uma ação habitual ou contínua?

c) Qual delas indica ação passada?

Fonte: LD3/6

Dias (2001), em seus estudos acerca da abordagem de categorias gramaticais em livros didáticos, expõe que esses materiais didáticos ao trabalharem conteúdos da gramática seguem, ou uma tendência de linha mais conservadora a qual tem como principal característica especificar e pormenorizar inicialmente a classe gramatical a ser estudada, assim, o aluno ao partir para a resolução de exercícios já dispõe de todo um conhecimento que lhe foi apresentado no decorrer do capítulo, ou uma tendência de linha inovadora. Essa segunda se caracteriza por, primeiramente, apresentar uma atividade de leitura que leva o aluno, com base na exploração de textos e questões, construir determinadas inferências acerca da classe gramatical em estudo, as quais podem ser confirmadas ou não em uma etapa posterior na qual é apresentada uma explicação mais detalhada da categoria em estudo.

Verificamos que, na abordagem do tempo verbal, essa segunda tendência (de linha inovadora) tem sido bastante adotada pelos livros didáticos, à medida que quase todos recorrem primeiro a uma atividade de leitura para apresentar o conteúdo a ser trabalhado e somente depois procedem com a explicação do conteúdo. Com isto, o aluno tem a oportunidade de construir conceitos, levantar hipóteses que podem ser

confirmadas ou não no decorrer do estudo do conteúdo. No caso da atividade acima (exemplo 01), os questionamentos levam o educando a perceber que as marcas verbais além de apresentarem valores de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, apresentam também valores aspectuais à medida que estão relacionadas à constituição de um tempo interno que apresenta valores habituais, acabados ou em percurso. Neste sentido, acreditamos que se essa proposta de estudo for bem articulada, poderá levar o educando a compreender que os valores das categorias gramaticais, por exemplo, decorrem de um processo de significação em que está em jogo a relação gramática e textos, assim, compreenderão também que não há texto sem gramática ou vice-versa que seu estudo deve ocorrer de forma articulada e não como domínios distintos como muitas vezes ocorre.

Após esse processo de levantamento de hipóteses e de construção de conceitos, os livros didáticos apresentam uma síntese explicativa sobre a categoria gramatical em estudo. No caso do tempo verbal, expõem que “*se trata de ações que se referem a diferentes épocas: passado – antes do momento em que se fala; presente – no momento em que se fala; depois do momento em que se fala*” (LDI/6). Essa forma de caracterizar a referida categoria linguística muito se assemelha aos pressupostos de alguns gramáticos. Bechara (2009), por exemplo, o conceitua expondo que os tempos dos verbos: presente – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos; pretérito – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos; Futuro – em referência a fatos não realizados. Já Rocha Lima (2011) apresenta que o tempo informa, de maneira geral, se o que expressa o verbo ocorre no momento em que se fala, numa época anterior, ou numa ocasião que ainda esteja por vir, são, fundamentalmente, três tempos: presente, pretérito e futuro

Conforme observamos, tanto os livros didáticos como alguns gramáticos, ao descreverem as noções de tempo verbal, tomam como referência o momento em que se fala, ou seja, o agora (momento da enunciação) corroborando, portanto, com os estudos de tempo apresentado por Benveniste (1989), sobretudo, quando este expõe que o tempo está relacionado ao exercício da fala a partir do qual se criam três momentos referencias presente, passado e futuro.

Tal fato nos permite, a princípio, inferir que o estudo dessa categoria terá como ponto de partida um viés enunciativo à medida que ao conceituarem essa marca verbal com base no momento da fala, presume-se que estão considerando a presença de um sujeito enunciadador como sendo responsável por fazer escolhas linguísticas para construir no texto determinados sentidos, dessa forma, a análise de um dado aspecto linguístico deve vir, minimamente, vinculado ao estudo do texto. Entretanto, ao procedermos com a verificação das atividades relacionadas ao estudo do tempo verbal, observamos que, mesmo diante das atuais conjecturas de ensino, ainda há atividades que levam o educando apenas a identificação ou classificações de formas. Vejamos:

Exemplo (02)

APLICANDO CONHECIMENTOS

1. Retire dos textos lidos e anote em seu caderno dois exemplos de verbos empregados nos seguintes tempos.

a) Verbos no pretérito perfeito. *Deixou, virou, passou, fez.*

b) Verbos no pretérito imperfeito. *Era, viam, jogavam.*

Fonte: LD4/7

Exemplo (03)

1) Reescreva as frases a seguir, substituindo pelo pretérito imperfeito as formas verbais destacadas.

a) Eu **sei** que você **está** em casa.

b) Eles **ficaram** felizes quando você **chegou**.

c) Eles **sabem** que **podem** escolher o presente.

d) Ele **pensa** que **é** capaz de tomar conta de tudo sozinho.

Fonte: LD3/6

Notamos que essas atividades exploram as marcas de tempo verbais em situações desvinculadas do uso da língua, portanto, muito aquém do que se espera que seja minimamente trabalhado em sala de aula com vista a ampliar a competência discursiva dos alunos, tal como propõe os PCN de Língua Portuguesa. O que se vê é a permanência de uma preocupação com a identificação de forma e com a explicação metalinguística à medida que não se conduz à percepção de que essas marcas gramaticais contribuem para a construção de significação.

De acordo com Lima (2013, p. 243), o fundamental em aula de língua portuguesa em que se está trabalhando tempos verbais não é saber classificar o tempo gramatical em a ou b, mas saber os valores temporais e aspectuais que essas marcas apresentam em construções distintas. Sendo assim, diante de atividades como as destacadas acima (exemplos 02 e 03), o professor como principal mediador de conhecimentos deve buscar juntamente com seus alunos situações em que se utilizariam esses enunciados. Assim, pode-se explorar o enunciado (a), exemplo (3), considerando, por exemplo, uma situação enunciativa em que o sujeito enunciador ao expressar um saber em relação à localização do coenunciador, constrói o enunciado “Eu **sei** que você **está** em casa”, evidenciando seu elevado grau de certeza em relação ao fato expresso.

Considerando ainda esse enunciado, o professor poderia também propor uma troca da marca *sei* pela marca *acho* a’ (Eu acho que você está em casa) levando o aluno a perceber que essa troca implica na desconstrução do alto grau de certeza. Operando desta forma, o aluno perceberá que em *a* e *a’* o grau de certeza vai se tornando mais frágil, ou seja, o sujeito enunciador origem gradua o seu grau de comprometimento em

relação ao fato expresso, mas isto só é perceptível mediante o estudo contextualizado da língua.

Em linhas gerais, ao olharmos para a abordagem teórico-metodológica apresentada pelas coleções dos livros didáticos acerca do ensino do tempo e do aspecto verbal é possível perceber que, embora esses materiais didáticos tenham a proposta de se distanciar do estudo estático e mecânico da língua, ainda se encontram bastantes presos à visão gramatical normativa da língua à medida que o estudo dessas categorias ainda se volta para um ensino que considera apenas a identificação de conceitos, classificações e identificações de formas.

Descrevendo os valores aspecto-temporais das marcas do presente e pretérito perfeito à luz da TOE

O pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo

Considerando que o tempo está relacionado ao conjunto dos momentos *réperés* em relação ao tempo da enunciação, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito situam o fato em um momento anterior ao da enunciação e estabelecem entre eles uma posição de natureza aspectual. Natureza essa que não se refere somente ao fato de que o pretérito expressa uma situação de curta duração ou que o imperfeito indica situações de longa duração, pois nem sempre há essa linearidade à medida que o pretérito perfeito não indica necessariamente uma curta duração ou o imperfeito, longa duração.

Ciente dessas particularidades, vejamos como se dá a construção dos valores aspecto-temporais das marcas de pretérito perfeito e imperfeito a partir da análise dos textos que iniciam as atividades que versam sobre o estudo desses tempos verbais presentes nos livros didáticos.

Atividade (01)

1) Leia o trecho 3 do Diário de Zlata, observando com atenção o emprego dos verbos. Você será desafiado a compreender por que foi usado cada um deles e, assim, aprenderá a utilizá-lo adequadamente nos próprios textos:

Hoje trovejou em nosso bairro inteiro. Não sei nem dizer o número de granadas que caíram pertinho da nossa casa. Papai havia ido com Samra para o local onde estão fazendo distribuições da Ajuda Humanitária. Tudo estava calmo, mas de repente se ouviram tiros de canhão. Explosões. Trovões impressionantes. Emina estava em nossa casa. Num determinado momento houve uma violenta detonação. Vidros voavam em estilhaços; telhas despencavam, havia uma nuvem de poeira. Não sabíamos mais para onde ir.

1.a) As duas primeiras frases do trecho informam sobre o fato ocorrido. Quais verbos foram empregados para indicar o que ocorreu?

1.b) Em que tempo os verbos foram usados nessas duas primeiras frases? Como você chegou a essa resposta?

2) As últimas linhas do parágrafo descrevem uma violenta detonação de uma maneira que nos faz imaginar a cena como se a testemunhássemos.

2.a) Para descrever a cena e nos causar essa sensação, foram empregados o mesmo modo e tempo dos verbos anteriores? Explique

2.b) Explique que diferença faria se as duas últimas frases estivessem escritas da seguinte forma: “ Vidros voaram em estilhaços; telhas despencaram, houve uma nuvem de poeira. Não soube mais para onde ir”.

Fonte: LD1/7

O que se verifica nesta atividade é que tanto o questionamento dos itens (1a e 1b), como a provável resposta do aluno ao que é solicitado, direciona-o a destacar os verbos *trovejou e caíram*, primeiro porque o fato ocorrido, implicitamente, está relacionado a uma indicação de ação, desse modo, em um estudo mecânico da língua são esses dois verbos que indicam diretamente uma ação, portanto um fato ocorrido. Segundo porque se o aluno for minimamente proficiente na língua perceberá que nestes períodos só existem quatro verbos, os já destacados (*trovejou e caíram*) e o verbos *saber e dizer*, que, em um estudo de elementos isolados, não indicam necessariamente uma ação. Sendo assim, nessa atividade há um direcionamento para um estudo descontextualizado e mecânico da língua o que proporciona certa artificialidade na resolução da questão, uma vez que se dá ênfase apenas à identificação das marcas verbais como se somente elas fossem suficientes para evidenciar toda a significação construída no texto.

Desse modo, ao fazermos um estudo mais aprofundado do texto é possível verificar que a identificação do fato ocorrido perpassa pela percepção de que há uma correlação de todos os elementos linguísticos do texto responsável pela construção de valores e significação do enunciado, ou seja, há uma interdependência dos elementos gramaticais (tempo e aspecto) com os lexicais.

Outra forma de identificar o fato ocorrido como a questão requereu é observar que o sujeito enunciador faz escolha de determinadas marcas linguísticas que semanticamente convergem para uma situação de guerra. Por exemplo, nesse cenário o sujeito enunciador inicia o texto utilizando a marca *trovejou* não para indicar o fenômeno da natureza, como costumeiramente é classificado, mas para correlacionar, semanticamente, ao forte barulho ocasionado pela explosão de uma granada. Essa situação de guerra é confirmada, ainda, pela utilização dos léxicos tiros de canhão, explosões, detonação, nuvem de poeira, ou seja, a significação do enunciado só pode ser de fato construída quando se observa o conjunto de operações que são colocadas em jogo pelo sujeito enunciador.

Fazer com que o aluno entenda que a construção de sentido do texto se dá, primeiro em virtude das escolhas do sujeito enunciador e depois pela da articulação entre os elementos gramaticais e lexicais parece ser bem mais eficaz para o estudo de aspectos gramaticais do que um estudo de marcas isoladas e descontextualizada da situação enunciativa.

Analisando o item (1.b) da atividade 01, verificamos que é solicitado que se diga qual é o tempo dos verbos destacados no item anterior e como se chegou a essa resposta. Presumindo que o aluno tenha destacados os verbos *trovejou e caíram*, provavelmente responderão que se trata de um tempo passado, primeiro porque intuitivamente perceberão que se trata de um fato já ocorrido, segundo pelo fato de o livro didático na explanação do conteúdo acerca do tempo verbal destacar um quadro de conjugações em que apresenta as desinências “representativas” dos tempos verbais na língua portuguesa. Desse modo, o aluno induzido, sobretudo pela mecanicidade que ainda há no ensino de língua e linguagem, destacará que os tempos desses verbos dizem respeito ao pretérito perfeito do modo indicativo, pois, conforme o livro (LD1/7, 2012) são verbos que indicam uma ação concluída e terminada.

Partindo do texto e considerando os enunciados:

- 1) Hoje trovejou em nosso bairro inteiro;

2) Não sei nem dizer o número de granadas que caíram pertinho da nossa casa.

Percebemos que em (1) o sujeito enunciador-origem (S_0), assume a validação da relação predicativa subjacente a esse enunciado <trovejar em nosso bairro>. Neste caso, a relação predicativa <trovejar no bairro> é validada numa classe ordenada de instantes, à qual se associa a um tempo abstrato, T_2 , o tempo do acontecimento linguístico. Os valores temporais e aspectuais construído neste enunciado resultam de uma operação de localização em relação a T_0 , localizador origem.

Neste enunciado, a classe dos instantes ou t é construída com base em uma operação de referenciação que marca uma diferenciação entre o tempo da enunciação e o instante do enunciado, $T_0 \neq T_1$. Sendo assim, o acontecimento linguístico construído em T_2 (Hoje trovejou) é representado por um valor aspectual perfectivo que apresenta uma relação de anterioridade ao momento da enunciação e é representado por um intervalo fechado à medida que é encarado como concluído em relação ao tempo localizador.

No enunciado (2), estamos perante uma situação em que o sujeito enunciador constrói uma relação predicativa <eu, saber dizer, número de granadas cair> com valor temporal de anterioridade em relação ao momento da enunciação. Nesta construção, o sujeito locutor é o responsável pela modalização da relação predicativa à medida que atribui um valor de suposição ao enunciado, resultante do fato de ele não assumir (por não ter certeza em relação ao fato expresso) a validação dessas mesmas relações predicativas, não se responsabilizando, assim, por sua asserção.

Contudo, determinados fatores enunciativos como perífrases verbais, advérbios, entre outros podem concorrer para alterar tanto o valor aspectual, como temporal de um enunciado. Vejamos alguns exemplos, manipulando a sequência do enunciado I- *Hoje trovejou em nosso bairro inteirinho*:

- 1.1 Neste exato momento troveja bastante em todo nosso bairro;
- 1.2 Acaba de trovejar em nosso bairro inteirinho;
- 1.3 Hoje trovejou durante meia hora em nosso bairro inteirinho;

O enunciado (1.1) tem um valor aspectual imperfectivo à medida que o acontecimento linguístico encontra-se como não concluído em relação ao tempo localizador (T_0). Essa imperfectividade resulta da construção do valor temporal de simultaneidade entre o tempo do acontecimento linguístico (T_2) e o tempo da enunciação (T_0).

A relação de presente deste enunciado é construída, entre outros aspectos, pela presença do operador *neste exato momento* em sintonia com o presente do indicativo, lexicalizado pela marca *troveja*. Sendo assim, nesse contexto discursivo em que o enunciado (1.1) se encontra, a presença da expressão temporal *neste exato momento* delimitando o tempo do ato de trovejar bloqueia a presença do pretérito perfeito (trovejou). Dessa forma, a construção *neste exato momento trovejou bastante...* não se sustenta, a não ser que esteja em contexto bem próximo.

Em (1.2) o valor aspectual é perfectivo, uma vez que o acontecimento linguístico é dado como concluído em relação ao tempo localizador, que neste caso é exterior. Assim, é representado por um intervalo fechado na classe de instantes. Quanto ao valor temporal há uma relação de diferenciação entre T_2 e T_0 , pois no momento em que o sujeito enunciador realiza a asserção, o acontecimento já havia acontecido.

Quanto ao valor temporal presente no enunciado (1.3), percebe-se que há uma diferenciação entre o T_2 e o T_0 , o qual é marcado, principalmente, a partir da correlação entre o tempo morfológico (trovejou) e os determinantes aspecto-temporais (hoje e durante meia hora). Sobre isto, Campos (1997, p. 183) destaca que muitas vezes os

advérbios têm um papel muito importante na definição quer dos valores aspectuais ou temporais, embora não sejam os únicos a dar essa noção.

Desse modo, no enunciado 1.3 constrói-se um valor de anterioridade evidenciado com base na relação entre a marca hoje que, embora indique uma relação temporal não tão distante ao momento da enunciação, quando posto em relação ao T_2 (trovejou durante meia hora) constrói essa relação temporal. Nesse contexto discursivo a correlação entre a marca de tempo verbal *trovejou* associada a *durante meia hora* bloqueia uma construção com uso da marca verbal trovejava.

A proposta de exploração dos aspectos gramaticais tempo e aspecto presente na atividade (01) é bastante interessante, pois ainda que haja a utilização da metalinguagem (como verificamos nos itens (1a e 1b)), há também o uso de uma atividade epilinguística evidenciada na questão 02, especificamente dos itens (2a e 2b), à medida que trabalha ou tenta trabalhar as implicações das mudanças de coordenadas enunciativas e a paráfrase.

Em (2a), por exemplo, há um questionamento que direciona o aluno à percepção de que a troca que o sujeito enunciador fez do pretérito perfeito do indicativo pelo pretérito imperfeito no cenário enunciativo construído implicou em uma alteração de natureza aspectual, uma vez que nos enunciados anteriores as marcas verbais em consonância com o contexto discursivo evidenciavam um processo concluído, já nos últimos enunciados em que há o uso do pretérito imperfeito que se aspectualiza para indicar uma noção de imperfectividade, ou seja, um prolongamento e durabilidade dos acontecimentos linguísticos fazendo com o sujeito coenunciador seja convidado a se transportar e vivenciar esse acontecimento.

No caso do exemplo (2a), o autor do livro trabalhando com uma relação parafrástica reconstrói o trecho do texto cujas marcas de tempo verbal se diferenciam das que vinham sendo utilizado ao longo da narrativa, chamando atenção para o fato de que essa modificação acarreta em um conjunto de mudança no texto.

Tendo como base essa proposta de atividade o autor poderia, ainda, levar o aluno a perceber, em um primeiro momento, que há um conjunto de coordenadas enunciativas (sujeito, tempo e aspecto) operando nesse texto. Por exemplo, no que diz respeito ao sujeito, temos nos primeiros períodos do texto (*Hoje choveu em nosso bairro. Não sei nem dizer o número de granadas que caíram pertinho da nossa casa*), um S_0 que é o sujeito da enunciação e também aquele que narra, relata. Esse S_0 coincide com o sujeito do enunciado que é S_1 representado pelo pronome eu, sendo assim, há uma coincidência entre o sujeito da enunciação e do enunciado ($S_0=S_1$). Após essa identificação, poderia solicitar que fosse feita uma alteração do cenário produzindo outro texto complementar em que deveria manter as coordenadas T_0 , T_1 , S_0 e S_1 , alterando somente a coordenada T_2 .

Procedendo dessa forma o aluno, de acordo com Rezende (2008, p. 106, 107), aprenderá a se apropriar do texto, perceberá que pode está inserido nele durante a produção de texto, escrita e leitura, além de aprender a avaliar, estabelecer o que é diferente e o que é igual, se distanciar, aproximar ou mesmo remontar significados.

O presente do indicativo

Atendendo aos nossos propósitos de demonstrar como podemos refletir sobre a construção e desconstrução dos valores inerentes ao uso da marca de tempo verbal presentes nos enunciados de algumas questões dos livros didáticos analisemos a atividade a seguir:

Atividade (02)

Bancos fecham dias 4 e 5; reabrem dia 6, às 12h

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) informa que os bancos *estarão* fechados para atendimento ao público nos dias 4 e 5 de fevereiro (segunda e terça-feira de carnaval), reabrindo a partir das 12 horas da Quarta-feira de Cinzas (dia 6).

Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com>>. Acesso em: 29 jan. 2008.

- Qual é o tempo dos verbos fecham e reabrem no título da notícia?
- Esse tempo corresponde ao momento de ocorrência da ação?
- Por que os verbos no título estão conjugados nesse tempo mesmo se referindo a um acontecimento futuro?

Fonte: LD2/7

Vemos, com base no título da notícia, que o sujeito enunciador constrói o acontecimento linguístico mediante o uso de marcas verbais representativas do presente do indicativo. A presença dessas marcas verbais encaminharia, em estudo descontextualizado e mecânico da língua, para interpretação de que as ações se desenrolam no momento da fala, ou seja, trata-se do tempo presente, conforme nomenclatura da gramática normativa.

Ao analisarmos sob uma concepção, por exemplo, enunciativa observamos que este enunciado se encontra localizado em relação à situação de enunciação (Sit₀), em que a referência temporal não é indicada apenas pela presença do presente gramatical, mas sim por sua coocorrência com os operadores suplementares *dias 4 e 5* (localizado em relação ao fechamento do banco), as marcas *re* e *dia 06 às 12horas*, em relação à reabertura do banco.

O interessante dessa atividade é que o autor do livro, percebendo essa particularidade, instiga o aluno a pensar no funcionamento da língua não como uma realidade estática, pronta e acabada, mas como uma realidade dinâmica levando-o a perceber que na língua as categorias não existem na forma de categorias puras, uma vez seus valores são resultados de relações transcategoriais, que envolvem a interação de vários domínios.

No caso do enunciado *os bancos fecham dias 4 e 5 e reabrem dia 6 às 12 h* há a validação de p em T₀, mas essa validação não depende somente do presente gramatical, pois como conferimos o valor de posterioridade construído em relação a T₀ se dá em virtude da coocorrência dessa marca de tempo gramatical com as determinações complementares, marcadas, neste caso, por adverbiais localizadores.

Considerações Finais

Ao analisarmos a categoria tempo verbal nos livros didáticos, verificou-se que sua abordagem ainda se encontra pautada em uma concepção estática da língua à medida esses materiais didáticos apresentam a marca de tempo verbal como sendo um elemento pré-determinado, podendo ser analisado de forma isolada, ou seja, não se volta para o funcionamento da língua, sobretudo, no que diz respeito ao seu uso em diferentes situações enunciativas.

Vê-se também que os livros didáticos analisados, ainda, apresentam uma abordagem teórico/metodológica bastante centrada na identificação de formas. No caso específico da categoria tempo verbal, seu estudo se dá, muitas vezes, com base na

apresentação de quadros sinóticos de conjugações em que é evidenciado um conjunto de desinências modo/temporal como sendo “suficientes” para se estabelecer as relações temporais presentes nos enunciados.

Destacamos que esse tipo de abordagem cujo estudo de aspectos gramaticais ocorre desvinculada do processo de construção de significação, não propicia ao aluno a percepção de que as categorias gramaticais, a exemplo do tempo verbal, faz parte da construção do texto, do enunciado. Sendo assim, consideramos que trabalhar com uma abordagem dinâmica que se vincule ao processo de construção, pode proporcionar ao aluno uma melhor reflexão acerca do funcionamento da língua.

Referências

- CAMPOS, M.H.C. **Tempo, aspecto e modalidade**. Porto: Porto Editora, 1997.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.
- _____. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Formalisation et opérations de repérage. Tome 2. Paris: Ophrys, 1999a.
- _____. **Pour une linguistique de l'énonciation. Domaine notionnel**. Tome 3. Paris: Ophrys, 1999b
- BECHARA, I. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão técnica da tradução: Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Pontes, [1976], 1995.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.*; revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998
- DIAS, Luiz Francisco. O estudo de Classes de Palavras: problemas e alternativas de abordagem. In: DIONISIO, A. P., BEZERRA, M. A. **O Livro Didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- FRANCKEL, J-J; PAILLARD, D. Aspects de la théorie d'Atoine Culioli. *Diversité de la (des) science (s) du langage aujourd'hui*. **Langages**, Paris: Larousse, n.129, p.52-63, 1998.
- ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- LIMA, M. A. F. O Ensino de Gramática em uma Perspectiva Enunciativa.: In FILHO, F. A.; COSTA, C. S. S. **Linguística e Literatura: percorrendo caminhos**. Teresina: EDUFPI, 2013.
- LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- NEVES, M^a. Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: Contexto, 2003.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade epilinguística e o ensino de Língua Portuguesa. **Revista do Gel**, S.J. do Rio Preto, V.S, n.1, 2008, p. 95-108.

Submetido em 16 de novembro de 2016. Aprovado em 23 de janeiro de 2017.